

---

## **Análise do filme *#eagoraoque*: entre o dissenso e a racionalidade neoliberal<sup>1</sup>**

Helena Lukianski PACHECO<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

No longa-metragem *#eagoraoque* (dir. Jean Claude Bernardet, Rubens Rewald) as diversas reivindicações sociais presentes nas cenas do filme são tensionadas através de discursos do filósofo Vladimir Safatle e de atores políticos (RANCIÈRE, 2014). Tomando a palavra como um elemento fundamental para o exercício da política, investigaremos se é possível haver dissenso (RANCIÈRE, 1996) da subjetivação neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) considerando a linguagem como dispositivo de poder (AGAMBEN, 2005). Utilizando como metodologia a análise fílmica, inicialmente delimitaremos um mosaico de cenas que versam sobre lutas identitárias, e depois analisaremos a cena em que Safatle discute com militantes em Capão Redondo (SP).

**PALAVRAS-CHAVE:** racionalidade neoliberal; dissenso; biopolítica; democracia.

### **Introdução**

Este artigo, como parte do início da pesquisa de tese desenvolvida no PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, propõe que o neoliberalismo contém uma nova racionalidade que está de pano de fundo no filme *#eagoraoque* (2020, Jean Claude Bernardet e Rubens Rewald). Por meio da análise fílmica (JULLIER; MARIE, 2009) objetivamos analisar se é possível haver dissenso da racionalidade neoliberal. Nosso aporte teórico provém de noções de estética e política de diferentes autores como Jacques Rancière (1996; 2014), Giorgio Agamben (2005), Ella Shohat e Robert Stam (2006). Também baseamos nossa análise nos estudos de Pierre Dardot e Christian Laval (2016),

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

---

que buscam compreender a sociedade contemporânea amparados em atualizações das teorias do Foucault.

No filme *#eagoraoque*, o professor e filósofo Vladimir Safatle, notório crítico do neoliberalismo, é apresentado como um intelectual que é questionado a respeito da relação entre as teorias sobre as quais ele disserta e a sua atuação prática na política. Há diversos excertos no filme que mostram entrevistas e participações em programas televisivos com a presença de Safatle, o que evidencia o fato de que ele atua no filme com a sua própria personalidade e bagagem teórica.

Jean-Claude Bernardet, um dos diretores do filme, faz o papel do pai do Safatle, que debate com o “filho” sobre questões políticas. Há evidentemente eventos mais encenados do que outros, mas aqui não nos interessa a discussão sobre fronteiras entre o real e o ficcional. Como o filme é bastante fragmentado, num primeiro momento buscamos construir um mosaico destacando falas em que as questões sociais e raciais são tensionadas por Palomaris Mathias, atriz e jovem mulher negra. Analisaremos também a cena em que Vladimir Safatle é confrontado numa reencenação da peça *Roda Viva*, depois inquirido por um ator negro e por sua própria filha. Deixamos para a análise final a discussão filmada em *Capão Redondo*, pois é nessa cena que o filme atinge o ápice do seu tensionamento e mostra que o poder vai além das instituições disciplinares. Na visão de Laval (2020, p.39), “há muitas maneiras mais difusas, insidiosas, contornadas ou retorcidas de conduzir os indivíduos”. Dessa forma, buscamos analisar a questão da subjetivação neoliberal como uma forma internalizada de poder.

### **Mosaico de pautas identitárias: entre o consenso e o dissenso**

As relações de poder são exercidas por meio de dispositivos. No texto intitulado “O que é um dispositivo?” (2005)<sup>3</sup>, Agamben relembra que, para Foucault, “o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta” (AGAMBEN, 2005, p.10). Para o filósofo italiano, a noção de dispositivo abrange outras categorias para além das mencionadas por Foucault, como o panóptico, as prisões e manicômios, e inclui: “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar,

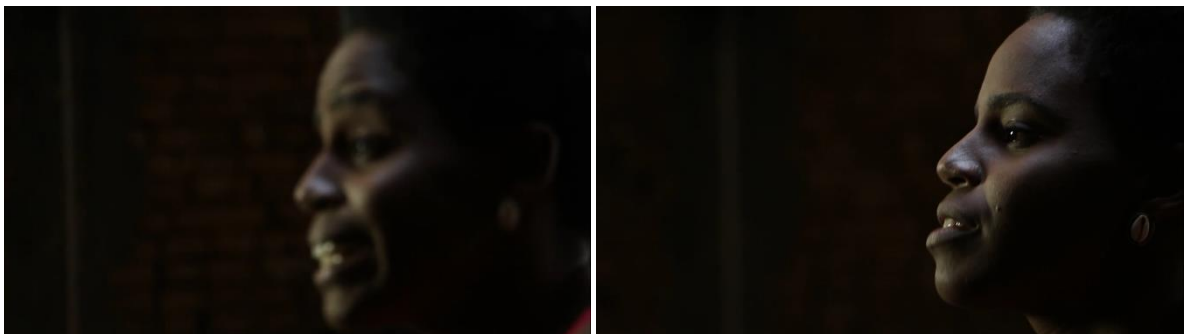
---

<sup>3</sup> O texto, traduzido por Nilcéia Valdati, foi feito a partir de um discurso proferido por Giorgio Agamben no Brasil em 2005.

controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2005, p.13). Ainda segundo Agamben, a linguagem é o mais antigo dos dispositivos, e é principalmente por meio dessa categoria que seguiremos nossa análise.

Como o título do filme propõe, *e agora o que* o campo da esquerda poderia fazer em relação à ascensão mundial da extrema direita e crescimento da adesão a práticas neoliberais em diversos países? Logo no início do filme, há uma cena em que Palomaris aparece de perfil fazendo alguns questionamentos: “Ser tratado como marginal é democrático? Ser o primeiro a ser suspeito como bandido é democrático? É democracia? Ocupar apenas os trabalhos mais subalternos da sociedade é democrático?” Observa-se que a cena se inicia com a câmera tremendo um pouco e o foco vai se ajustando até enquadrar a imagem nítida de Palomaris (Fig.1), uma escolha que remete ao fato de que há pessoas historicamente invisibilizadas, mas que hoje as demandas dos grupos subalternos têm ganhado mais espaço na mídia.

**Fig. 1** Frames do filme *#eagoraoque*



Fonte: filme *#eagoraoque*/ reprodução

Conforme nos lembra Rancière, democracia é o poder do povo. Na visão do autor, a política tem a ver com dissenso, ou seja, o “recorte do sensível, a distribuição dos espaços privados e públicos, dos assuntos de que neles se trata ou não, e dos atores que têm ou não motivos de estar aí para deles se ocupar” (RANCIÈRE, 1996, p. 373). Ainda segundo o autor, é por meio da linguagem que o ser humano exerce o seu papel político. Tal ferramenta logicamente também acompanha mudanças históricas:

o declínio das esperanças revolucionárias utópicas nas últimas décadas levou a um novo mapeamento das possibilidades políticas e culturais. Desde a década de 80 encontramos, mesmo na esquerda, uma distância

---

irônica e autorreflexiva da retórica revolucionária e terceiro-mundista. A linguagem da “revolução” foi em grande parte substituída pelos idiomas da “resistência”, o que indica uma crise das narrativas totalizantes e uma mudança das visões dos projetos emancipatórios (STAM; SHOHAT, 2006, p.438).

Pensar a respeito da reformulação democrática pós-ditadura em um país tão complexo como o Brasil poderia conduzir este artigo para inúmeras variáveis, dentre as quais a questão do racismo estrutural e o longo histórico de corrupção do país. Neste artigo nos interessa uma perspectiva que se refere à correlação da economia e da subjetividade. Segundo Laval, “o fundamento mesmo da democracia é atingido quando a referência da política não é mais o ‘cidadão’, mas o ‘capital humano’” (LAVAL, 2020, p.146). O individualismo como marca de uma sociedade neoliberal entra em tensionamento com a ideia de democracia como um regime que atende aos interesses do povo. Sabemos que as democracias liberais não resolveram o problema da desigualdade: “há muito que a tradição socialista denuncia, na democracia representativa e nas teorias que a sustentam, a ficção de uma comunidade ideal que encobre a realidade dos egoísmos” (RANCIÈRE, 2014, p.47).

Conforme Stam e Shohat (2006), a “multiplicidade descentrada” é uma característica do modo como hoje se organizam as lutas de pautas identitárias atuais. No filme *#eagoraoque*, aparecem discussões sobre racismo, sexismo e lutas de classe. Dentro desse mosaico, uma das primeiras pautas versa sobre feminismo. Tendo em vista que o “o homem democrático é um ser de palavra” (RANCIÈRE, 2014, p.59), analisaremos algumas das falas presentes no filme.

Na cena que se inicia depois de cerca de 3 minutos do começo do filme, vemos Palomaris escrevendo em um quadro negro. Ela escreve em giz branco: “De que mulheres estamos falando?” Há outras frases no quadro, como “nenhuma mulher a menos” e “as lutas das mulheres”. O professor Vladimir Safatle entra na sala de aula e se senta numa das cadeiras que estão dispostas em formato de roda. Palomaris fala e em seguida outras mulheres também expõem suas opiniões. Um dos depoimentos aponta para a falta de inclusão do feminismo: “Nos anos 1970, o nosso grupo buscava a periferia... Nós fizemos um jornal chamado **Nós, mulheres** que tinha matérias sobre mulheres negras, mas o lugar nosso era de mulheres brancas.” Palomaris faz então uma espécie de paráfrase que reforça

---

o problema da exclusão: “Era sobre mulheres negras, mas as mulheres negras não estavam presentes.”

De acordo com Shohat e Stam (2006, p.445), “as políticas das identidades lutam pela autorrepresentação de comunidades marginalizadas, pelo direito de ‘falar por si mesmo’”. No entanto, ainda segundo os autores, “as pessoas podem ocupar posições diversas e deter o poder de uma certa perspectiva (classe social, por exemplo), mas não de outra (raça ou gênero, digamos)” (SHOHAT; STAM, 2006, p.447).

Essa nuances estão sempre em jogo no filme. Há uma reencenação da peça *Roda Viva* logo no começo de *#eagoraoque*. A peça estreou em 1968, no contexto da Ditadura Civil Militar brasileira. As atuações incluíam interações agressivas entre atores e o público, e críticas à sociedade de consumo<sup>4</sup>. No reencenação mostrada no longa-metragem, um ator negro se aproxima de Vladimir Safatle, que está sentado na plateia. O ator segura o rosto de Safatle com as mãos e repete insistentemente “comprem, comprem, comprem”. Existe uma espécie de tensão catártica que termina com o filósofo balbuciando um “não” seguido de um momento de silêncio.

Em mais de uma cena Safatle é duramente confrontado. Numa delas, no trecho 17’47’’<sup>5</sup>, um homem o questiona em tom ríspido sobre a sua “política”: “Tu não tem nada o que dizer. Eu tenho. Tu não tem. O que vai acontecer daqui uns dias, meu amigo, é uma guerra, porque esse Brasil que a gente tá, tá acabado. E o *que que* tu vai fazer?” Safatle então responde: “O que eu vou fazer? Ajudar a acabar.”

Essa cena é seguida por uma nova aparição de Palomaris afirmando que vivemos em um estado colonial que “determina quem pode viver e quem deve morrer, quem importa e quem não importa... quem é descartável e quem não é”. Mesmo sem citar o nome do teórico, a fala de Palomaris aponta para o conceito de necropolítica de Achille Mbembe. O autor, da mesma forma que Dardot e Laval, também se baseia nas ideias de Foucault para pensar sobre a política na sociedade contemporânea. Retomando o conceito de biopolítica, trata-se de uma regulação de fenômenos vitais como natalidade, mortalidade, entre outros como “fenômenos da delinquência, educação, opinião, higiene, invalidez, que reclamam novas aparelhagens e instrumentos, como os proporcionados pela estatística” (LAVAL, 2020, p.91).

---

<sup>4</sup> Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br/pecas/roda-viva/>. Acesso em 3 jun. 22.

<sup>5</sup> Dezesete minutos, quarenta e sete segundos.

---

Para Mbembe, o conceito de biopolítica hoje é insuficiente para dar conta das formas atuais de subjugação, por isso o uso do prefixo *necro*. Segundo o autor, para os europeus colonizadores, os colonizados eram selvagens desprovidos de caráter humano. Dessa forma, a morte dos “selvagens” era minimizada (MBEMBE, 2016). Essa lógica de extermínio também faz parte do mundo contemporâneo, e tem suas particularidades no caso do Brasil.

Na cena em que fala de necropolítica, Palomaris primeiro aparece sozinha. Depois, vemos Jean Claude Bernardet a observando em total silêncio. No final de sua fala, ela começa a cantar. A letra diz: “Desarma. Desata. Deságua o amor em mim”. Palomaris então repete: “O amor. O amor. O amor”. Uma reafirmação que cria uma tensão com a sua primeira fala, pois o sentimento de afeto entre os indivíduos é o oposto do ímpeto de matar.

Depois dessa cena, novamente vemos Safatle sendo confrontado pelo mesmo sujeito do trecho 17’47’’: “Tu vai ficar calado? Tu vai ficar aí sem dizer nada? Você não é professor?” diante dessas indagações, Safatle responde: “É o que gente mais faz. A gente fala, a gente escreve, a gente mobiliza, a gente briga, a gente leva porrada. Bomba de gás lacrimogênio”. Há um corte abrupto no filme para uma cena que mostra o filósofo conversando com Valentina Safatle. Sua filha pergunta “E aí, você vai na assembleia?”. Diante da recusa de Safatle, ambos travam uma discussão acirrada.

Nesses embates, nosso entendimento se aproxima da visão de Ella Shohat e Robert Stam, pois os autores afirmam que os indivíduos relativamente privilegiados podem trabalhar pela reestruturação do poder:

no lugar de se indagar sobre quem pode falar, deveríamos perguntar sobre a possibilidade de falarmos juntos. Como podemos misturar nossas vozes, seja em coro, em antífona, na forma de perguntas e respostas ou em polifonia? Quais são as modalidades da fala coletiva? Embora seja perigoso imaginar que podemos falar em nome dos outros (ou seja, de certa forma, substituí-los), pode-se falar ao lado dos outros para formar alianças (SHOHAT; STAM, 2006, p.452).

Observa-se no filme essa proposta de polifonia de diversas formas. Depois da conversa com Valentina, pela terceira vez Safatle é interpelado pelo mesmo homem negro no mesmo local. Ele o indaga sobre política, e o filósofo devolve a pergunta *qual que é a*

*sua?* O homem responde de forma energética: “É defender a classe dos trabalhadores, defender a classe pobre”. Ele dá uma pausa e prossegue: “Aí tu vai dizer: a tua política é a minha política. É não, meu camarada. Vocês são fascistas”. O semblante do sujeito é bastante sério ao encarar Safatle, transmitindo brabeza. Seguem-se segundos de tensão até o filósofo responder, olhando para os diretores do filme, Jean Claude e Rubens, que estão fora de campo. “Não sei o que falar, não tem nem condição.” A partir de então, a mise-en-scène se transforma ao mostrar os “bastidores” da gravação.

Escuta-se a voz de um dos diretores dizendo “calma aí, cortou”. Rubens fala para Safatle: “Coloca isso, isso é uma questão mesmo.” Safatle olha para o ator e diz “eu acho que você tem razão, vou falar o que?”. O ator, antes bastante sério na expressão e tom de voz, começa a rir e põe a mão no ombro do filósofo. “Essas questões que você está levantando para gente são as falas”, complementa Rubens. Como um filme que propõe uma série de questionamentos, também vemos na quebra dessa cena uma forma de não conduzir o espectador para esta ou aquela linha de raciocínio. Conforme nos lembram Ella Shohat e Robert Stam, “se a relação filme/espectador é, em certo nível, estruturada e determinada, em outra ela é aberta e polimorfa” (SHOHAT; STAM, 2006, p.476).

**Fig. 2** Frames do filme *#eagoraoque*



Fonte: filme *#eagoraoque*/ reprodução

O filme *#eagoraoque* é uma montagem de trechos de entrevistas, encenações, discursos de protestos gravados em celulares e de embates não ficcionais, como é bastante evidente na última cena. No trecho 32’54”, Vladimir e Valentina Safatle aparecem fazendo um dueto. O filósofo toca piano e Valentina canta. O público é composto por poucas pessoas, brancas e bem-vestidas com trajés elegantes. “Bonito vocês dois juntos”, diz uma mulher para Safatle depois do show. Ele retruca: “Não foi o presidente do seu banco que falou na semana passada que três milhões de desempregados no país não era

---

problema porque quebrava a pressão inflacionária?” A mulher ri, constrangida, mas não diz nada. Depois, Safatle se dirige para outra pessoa: “Você não foi o sujeito que falou que trabalhador no Brasil tem direito demais?” Ele apenas responde com um vago “como é que é?”

Há vários aspectos que apontam para a ficcionalidade nesta cena. O modo como Safatle passa por cada um dos convidados, que parecem estar esperando a interação e pouco reagem às interpelações, além da própria falta de habilidade de atuação do filósofo. Essa momento do filme mostra Safatle entre seus pares, e as discrepâncias são anódinas no sentido de que nenhuma discussão é desenvolvida. Não é o caso da cena filmada em Capão Redondo que gerou repercussão em críticas cinematográficas e em debates sobre o filme. Num desses debates, Bernardet afirma que a cena foi filmada por Lincoln Péricles, cineasta conhecido por retratar a periferia. Não houve intervenção dos dois diretores que assinam o filme, a única direção dada foi “não sejam tímidos” (BERNARDET, 2021). Jean Claude pensava que Lincoln iria convidar pessoas de Capão Redondo, no entanto, ele convidou militantes de diferentes partes de São Paulo. No seu entendimento, “esses militantes radicais não representam o povo (...) a cena de Capão Redondo não é uma amostra da população” (BERNARDET, 2021).

Anteriormente a essas duas cenas está um trecho de uma entrevista de Vladimir Safatle para o programa *Provocações*. O entrevistador pergunta: “Você é um filósofo da mídia, você fala a língua do povo?” Safatle responde que não, e diz que na sua visão, o ponto é perguntar “em que condições uma ideia pode circular dentro do tecido social”. Na cena de Capão Redondo, chama a atenção a postura defensiva dos militantes em relação à Safatle. Ainda que logicamente essas pessoas não representem todo o povo, como aponta Bernardet, elas possuem a potência de enunciação dos sujeitos políticos em luta (RANCIÈRE, 2014).

### **A racionalidade neoliberal na cena filmada em Capão Redondo**

A última cena de *#agoraoque* é o embate de Vladimir Safatle em Capão Redondo, região periférica de São Paulo. Safatle diz: “Veja que coisa interessante, será que uma das questões fundamentais que arrebenta a nossa força não é fazer a gente pensar que não tem essa de falar por todos, cada um fala por si, cada um fala pelo seu jeito, cada



---

um fala pela sua identidade... Agora eu me pergunto se isso não é a maneira com que as pessoas contra as quais a gente está querendo brigar querem que a gente pense... Cada um fala por si e ponto e isso é o capitalismo. Isso é o liberal”. Um dos debatedores discorda: “A gente é *nóis por nós*. Nós temos condições de nos autogerir. Nós somos autossuficientes”. “Ninguém consegue se autogerir”, retruca Safatle. Uma jovem pergunta: “E as diversas colônias anarquistas que existem por aí?” O filósofo responde: “Elas estão sendo todas destruídas.” A menção ao anarquismo possivelmente parte do pressuposto de que o Estado é um problema a ser eliminado, aspecto que numa visada superficial possui certa similaridade com o liberalismo e sua proposta de “diminuí-lo”, no entanto existem diferenças:

há um ponto essencial na diferenciação entre anarquismo e liberalismo. Enquanto o primeiro critica profundamente o sistema de acumulação capitalista como ferramenta para obtenção da liberdade, o liberalismo surge e se fortalece na ideia de que é a partir da acumulação de propriedade que se obtém o reconhecimento social e a liberdade do indivíduo (NASCIMENTO, 2022, p.121).

Não é por acaso que Safatle menciona o liberalismo, pois essa ideologia inevitavelmente moldou a vida moderna e resultou no neoliberalismo, uma nova forma de governar, surgida nos anos 1930, que “prolonga a arte liberal de governar em outros contextos” (LAVAL, 2020, p.62). A década de 1980 foi marcada pela ascensão de Margareth Thatcher e Ronald Reagan ao poder político. A legitimação da virada neoliberal foi sendo construída de diversas formas: “fortes influências ideológicas circularam nas corporações, nos meios de comunicação e nas numerosas instituições que constituem a sociedade civil – universidades, escolas, Igrejas e associações profissionais” (HARVEY, 2011, p.50).

No Consenso de Washigton (1989), evento-chave para a difusão do neoliberalismo, foram estabelecidas diretrizes para a implementação desse modelo. Incentivava-se a privatização de empresas e a flexibilização de leis trabalhistas, por exemplo. No caso do Brasil, o ex-presidente Fernando Collor, que teve mandato entre 1990 e 1992, foi o primeiro a implementar medidas neoliberais. Depois dele, Fernando Henrique Cardoso (presidente de 1995 a 2003) ficou conhecido por sua política de privatizações.

Neste artigo não é nosso intuito aprofundar toda a história do neoliberalismo e suas vertentes, mas é necessário pontuar alguns fatos sobre essas práticas. Sabe-se que o golpe no Chile em 1973 serviu como um laboratório para o neoliberalismo, e que depois foi sendo construída uma cultura populista neoliberal baseada na promulgação do consumismo e do libertarianismo individual (HARVEY, 2011).

A lógica neoliberal foi amplamente difundida também porque seus teóricos<sup>6</sup> sabiam que era possível se apropriar (ou distorcer) ideais que estavam em voga na época. No mosaico de imagens que compõem o filme *#egoraoque*, uma fotografia de Maio de 1968 aparece antecedendo a cena que mostra a reencenação da peça *Roda Viva* (Fig. 3). Ao mencionar os protestos de 1968, Harvey reforça que “todo o movimento político que considera sacrossantas as liberdades individuais corre o risco de ser incorporado sob as asas neoliberais” (HARVEY, 2011, p.50).

**Fig. 3** Frames do filme *#egoraoque*. Fotografia de maio de 1968 (à esq.) e frame da peça *Roda Viva*



Fonte: filme *#egoraoque*/ reprodução

A ideia de autogestão é um dos cerne da racionalidade neoliberal. Em alguns momentos da conversa, ouvimos debatedores discordando das ideias de Safatle pois preferem “pensar por si mesmos”. O ponto que eles parecem ignorar é que nenhum indivíduo está apartado de determinadas influências. Mesmo que os militantes de Capão Redondo estejam longe dos estudos formais acadêmicos, como eles mesmo apontam, há todo um conjunto de forças que afetam e direcionam os indivíduos de todas as classes. A respeito da racionalidade neoliberal, Dardot e Laval afirmam:

---

<sup>6</sup> Os economistas Friedrich Hayek e Milton Friedman são considerados dois precursores do neoliberalismo. Suas ideias ganharam visibilidade quando ambos ganharam prêmios Nobel de economia, em 1974 e 1976, respectivamente (HARVEY, 2011).

essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo de mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas (...) (DARDOT; LAVAL, 2016, p.30).

Talvez na tentativa de evocar algum senso de comunidade, Safatle diz “quando a coisa começa a ficar realmente violenta, quem morre é todo mundo aqui”. Um jovem responde “jamais”, e o filósofo prossegue mencionando o Cemitério de Perus, local onde foram enterrados dissidentes da Ditadura Civil Militar brasileira. Um dos debatedores afirma que não gosta do discurso “branco e acadêmico”, porém observa-se que ele ignora que nem toda teoria social é feita por brancos. Embora sem mencionar o termo, é bastante evidente que Safatle faz menção à necropolítica de Mbembe, assim como Palomaris numa cena de *#eagoraoque* (citada anteriormente). Achille Mbembe, teórico africano negro, deixa claro em suas teorizações que a necropolítica vai além da relação de europeus brancos com africanos.

Apesar de seus esforços, Safatle não convence os jovens de que é possível criar uma aliança. O mesmo debatedor contra o academicismo afirma: “Acho que a gente tem que começar a refletir sobre linguagem, tá ligado?, com quem nós se comunica (*sic*) de fato?” Lincoln Péricles, o diretor da cena que também participa do debate, questiona: “Será que nós não tem (*sic*) que construir mais entre nós, tá ligado, e aí tipo talvez nós tenha (*sic*) mais a dizer pras pessoas brancas de esquerda, se nós quiser (*sic*) dizer, tá ligado, pra construir, porque essa relação de aprendizado e utilidade é muito desleal, tá ligado, é essa *fita* que o Lucas falou mesmo, não comunica, mano.” Safatle então pergunta: “A gente não poderia tentar criar uma linguagem que se comunica?” A resposta de Lucas define o tom do debate: “Nós quer (*sic*) construir e sabe com quem. Nós quer (*sic*) comunicar e sabe com quem. É aquela história, nós aqui e vocês lá, entendeu? Quanto mais distância de pessoas como você melhor, entendeu?” O filme termina com a jovem que mencionou as colônias anarquistas cantando com a seguinte letra: “Desumanizada, sem direito de sentir, mas vibro amor da cabeça aos pés, *cês* nunca vão intervir (...)” Os outros militantes aplaudem ao final.

---

## Considerações finais

Ao propor tensionar o campo da esquerda política brasileira com a crescente onda direitista e neoliberal, o filme *#eagoraoque* reúne uma série de discursos de pessoas de diferentes classes e gêneros. A maior parte das reivindicações são relacionadas às chamadas pautas progressistas. O exercício da democracia se estabelece por meio da palavra, e ela nunca é inocente. Observamos a repetição de termos como feminismo, racismo, democracia e Estado. Esses conceitos, muitas vezes usados de forma leviana para falar sobre problemas da sociedade, são muito complexos. Nas discussões vistas no filme, os atores sociais os utilizam para demarcar a necessidade de reformulação da configuração do sensível (RANCIÈRE, 1996).

Neste artigo, observamos que condição de marginalizados dos militantes reunidos em Capão Redondo não os faz estarem imunes à influência neoliberal, e eles se mostram impregnados por uma lógica individualista quando mencionam que valorizam em primeiro lugar a própria experiência e se veem como autossuficientes. Apesar disso, existe um certo sentimento de solidariedade entre eles, como está expresso também na gíria *nóis por nóis*, e que exclui o intelectual branco de esquerda (Safatle). Sem apontar possíveis soluções, o filme ao menos escancara a dificuldade de se estabelecer alianças entre diferentes classes. A corrosão dos laços sociais (DARDOT; LAVAL, 2016) está imbricada no sistema capitalista, e é um ponto a ser superado na busca da construção de um país menos desigual.

## Referências:

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>> *outra travessia*, eISSN 2176-8552, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Acesso em: 26 jul. 21

BERNARDET, J.C. *#eagoraoque - debate com Jean Claude Bernardet e Rubens Rewald*. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SxiT2b5f6m0&t=5s>> Acesso em: 23 mai. 22

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo* – ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016

HARVEY, David. O neoliberalismo – história e implicações. São Paulo: editora Loyola, 2011.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 2009.

LAVAL, C. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Elefante, 2020

MBEMBE, A. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez., 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>> Acesso em 7 jun. 22

NASCIMENTO, A. F. Liberalismo em retrospectiva: o olhar sobre uma ideologia na relação com o Brasil recente. **ZIZ - Revista Discente de Ciência Política**, n. 1, v. 1, p. 117-144, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ziz/article/view/51856/31051>> Acesso em 1 jun. 22

RANCIÈRE, J. Dissenso. In: NOVAES, Adauto (org.) **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Nas margens do político**. Lisboa: KKYM, 2014

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da Imagem Eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006